



### **Diadorim, o menino iniciante de Riobaldo: um diálogo com o Grande-Mestre Bené**

*Diadorim, the Beginner Boy of Riobaldo: a Dialogue with Great-Master Bené*

Autoria: Adonai da Silva de Medeiros

 <https://orcid.org/0000-0002-0280-3267>

Autoria: Elielson de Souza Figueiredo

 <https://orcid.org/0000-0003-3934-4903>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181343>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181343>

Recebido em: 26/01/2021. Aprovado em: 27/06/2021.

---

### **Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://fb.com/opiniaes)

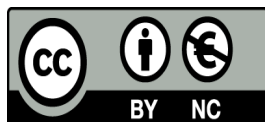
---

### **Como citar (ABNT)**

MEDEIROS, Adonai da Silva de; FIGUEIREDO, Elielson de Souza. Diadorim, o menino iniciante de Riobaldo: um diálogo com o Grande-Mestre Bené. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 604-623, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181343>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181343>.

---

### **Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

---

# diadorim, o menino iniciante de riobaldo: um diálogo com o grande-mestre bené

Diadorim, the Beginner Boy of Riobaldo: a Dialogue with Great-Master Bené

**Adonai da Silva de Medeiros<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Pará – UFPA

**Elielson de Souza Figueiredo<sup>2</sup>**

Universidade do Estado do Pará – UEPA

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181343>

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: [adonai.medeiros18@gmail.com](mailto:adonai.medeiros18@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0280-3267>.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Literários e professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: [elielson@uepa.br](mailto:elielson@uepa.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3934-4903>.

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um breve resultado da fundamentação e aplicação da categoria, de cunho ontofenomenológica, intitulada “apreensão-dos-afetos”, a qual teve sua origem a partir da leitura de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (2015). Para tanto, concentraremos nossa atenção em um momento específico do romance, o qual se refere à travessia primeira de Riobaldo, tendo no Menino-Diadorim o ponto de iniciação de sua jornada. A categoria em questão teve sua fundamentação teórica, principalmente, pautada nos estudos ontológicos de Sartre (2002), porém, neste trabalho em especial, teremos os ensaios de Benedito Nunes (1992, 2013a) como guia, de vez que o filósofo representa um dos principais elos entre teoria filosófica e interpretação literária. A *apreensão-dos-afetos* revela-se a partir dos vestígios linguísticos que Riobaldo deixa durante o ato de narrar os afetos apreendidos quando menino, registrados a partir dos acontecimentos do início de sua travessia ao demonstrar suas impressões, percepções, reflexões sofridas/realizadas e o modo como comportou-se diante do menino-Diadorim. Travaremos o diálogo com Benedito Nunes sobre três perspectivas: a busca de Riobaldo pela Unidade primeira; um norte para a fundamentação da categoria; a aplicação da categoria ao romance, tendo como guia a interpretação de Benedito Nunes (2013a).

### Palavras-chave

Benedito Nunes. Grande sertão: veredas. Apreensão dos afetos. Ponto de iniciação. Ontofenomenologia.

### Abstract

The present work aims to present a brief result of the foundation and application of the category, of an ontophenomenologic nature, entitled “apprehension-of-affections”, which had its origin from the reading of *The Devil to pay in the backlands*, by Rosa (2015). To do so, we will focus our attention on a specific moment in the novel, which refers to Riobaldo's first crossing, with Menino-Diadorim as the starting point on his journey. The category in question had its theoretical foundation, mainly, based on Sartre's ontological studies (2002), however, in this particular work, we will have the essays by Benedito Nunes (1992, 2013a) as a guide, since the philosopher represents the main link between philosophical theory and literary interpretation. The *apprehension-of-affections* is revealed from the linguistic traces that Riobaldo leaves when narrating the affections apprehended as a boy, recorded from the events of the beginning of his crossing when demonstrating his impressions, perceptions, reflections suffered/accomplished and his behavioral mode towards Diadorim-boy. We will engage in dialogue with Benedito Nunes on three perspectives: Riobaldo's search for the first Unit; a north for the reasoning of the category; the application of the category to the novel based on the interpretation of Benedito Nunes (2013a).

### Keywords

Benedito Nunes. Grande sertão: veredas. Apprehension of affections. Starting point. Ontophenomenology.

## considerações iniciais

Com o signo gráfico do travessão, Guimarães Rosa (2015) dá início à viagem cíclica de Riobaldo, ser-tão<sup>3</sup> adentro, rumo à procura de seu ser mais próprio – com o léxico “travessia”, é como essa viagem, em um ciclo mágico, se finda, enredando um risco (leia-se: um signo) no outro, ao primeiro que o iniciou, e a viagem recomeça, nunca findando de fato:

[...] o discurso, manter-se-á nesta unidade até a lemniscata do infinito, cuja chancela, impressa no final da obra, reúne a última palavra (*travessia*) ao primeiro signo (o *travessão*), que abre a fala de Riobaldo. Ou também, do último signo – o Infinito – à primeira palavra – nonada. O visitante não se despediu, o círculo mágico não se desfez (UTÉZA, 2016, p. 27; grifos do autor).

Ora, se o Sertão é o sem fim, é o mundo e está dentro do ser, em tudo o que existe, Riobaldo, sendo sertão, é já uma forma de viagem, cujas palavras cernes que neles (ser e viagem) se plasmam, representam, de maneira a se comprimir um universo, os pontos da travessia. Assim é que “Sertão e existência se fundem na figura da viagem, sempre recomeçada” (NUNES, 2013a, p. 84), pois um é a realização do outro, ao mesmo tempo que um se realiza no outro, bem como um garante sua realização quando ambos passam a complementar e fornecer espaço de transição e *extensão*<sup>4</sup> metafísica para o outro.

Não há qualquer dualidade e/ou demarcação de limites para que Sertão e existência sejam cada qual a sua forma, ocorre que as duas instâncias o são efetivamente, porque, na zona intercomunicante em que se encontram, um se insere intensa e ininterruptamente no outro, e o modo de confluência que geram é mais como um processo de troca equivalente, qual a base fundamental da alquimia, do que um jeito de satisfazer o que em um pensamento puramente racional encararia como mais uma manifestação binária.

Se o modo de afastar a realidade binária somente se realiza de fato a partir de um projeto linguístico-existencial (a narração), no qual Guimarães Rosa quer

<sup>3</sup> Porque o espaço sertanejo não é apenas um lugar concreto físico, mas também um lugar metafísico-transcendental pelo qual Riobaldo atravessa e nele se projeta, valemo-nos do léxico “ser-tão” para, assim, indicarmos tanto o espaço físico do “Sertão”, por meio do som, quanto à conduta transcendental pelo *tao* (“caminho” na filosofia oriental taoísta) à medida que o *ser* nele se insere, e isso intentamos evocar e sugerir por meio da separação com hífen em “ser-tão”, pois, vale lembrarmos, ser e espaço unem-se a partir do *tao*, este fornecendo trilha para o ser atravessar. Neste sentido, quando aqui utilizarmos “ser-tão” (ou “ser-tao”), é para provocarmos esses sentidos expressos.

<sup>4</sup> Quando aqui utilizarmos o termo “extender” e suas demais variações (como “extensão”), utilizaremos no sentido transcendental-extensivo, uma vez que, enquanto existente à procura de si, o ser, no momento presente, apenas pode alcançar a compreensão de si nesse instante que está sendo quando realiza, tomando o passado(-presente) como mola propulsora, a projeção extensiva-transcendental ao que poderá vir a ser. Evidentemente que esse sentido que indicamos não vem expresso no verbo dicionarizado “estender”, daí a necessidade de valeremo-nos de termo não dicionarizado “extender”. Para demarcar a diferença, destacaremos em itálico o léxico “extender” e suas ramificações.

chegar à origem primeira das palavras, o processo de escolha para isso não é outro senão o do ser em eterna viagem, e para isso faz de Riobaldo e Sertão os seus cavaleiros/os seus espaços de travessia, uma vez que, fundindo-os, o caminho da travessia já ficará sendo ela própria, isto é, a travessia como um corpo abstrato. A viagem já ficará sendo o destino final, pois somente os homens-espaços no estado de plena moção, o repouso, conseguem alcançar a origem *nonada* que se almeja ao porem-se a caminho quando, em verdade, apenas se inseriram em si mesmos: sertão, ou seja, ser e caminho, unidos sempre.

Da fusão entre Sertão e existência, da viagem como caminho e destino, rumo à origem da palavra, a qual somente se alcança quando, ao fim, o ser descobre que, parafraseando Carlos Drummond de Andrade no poema “A palavra mágica”, a procura é já o procurado, ou seja, no homem já reside a palavra em sua origem, apenas se precisa livrá-la da pele do real que a deturpa e a encobre.

Neste sentido é que a viagem é *sempre recomeçada*, visto que o ser, descobrindo a si, descobre e descobre a sua palavra. O caminho é longo e, por isso, o ser deve trilhá-lo; o ser é grande e, portanto, o caminho deve *extender-se* sobre ele; ambos estão um no outro, assim como ambos são a realização máxima do outro; logo, a partir do momento em um que atravessa o outro, formam-se veredas, pois a relação dialógica que conjeturam dá vazão a formas que somente podem ser sentidas se recontadas a partir dos detalhes, dos fragmentos que compõe ao todo.

Esse primeiro diálogo, que travamos com o mestre Benedito Nunes (2013a), realizou-se a partir de interposições reflexivas acerca de sua afirmação antes citada. O nosso objetivo com esse trabalho é realizar mais diálogos como esses à medida que apresentamos a nossa categoria intitulada *apreensão-dos-afetos*, a qual deve sua origem a uma leitura fenomenológica da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (2015), em uma passagem e léxico precisos. Por seu caráter ontofenomenológico, a categoria referida tem, principalmente, fundamento nos estudos sartreanos, porém, para que ela ganhasse corpo, maturidade, rigor em sua composição e melhor poder reflexivo, também deve muito à crítica e aos estudos de Benedito Nunes.

Neste sentido, esse trabalho representa um pequeno recorte de nosso trabalho de conclusão de curso, no qual tenho por objetivos esboçar a fundamentação e aplicação de três categorias de caráter ontológico a partir da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (2015).

Não almejaremos aqui uma ordem rígida-linear de um trabalho científico, pois nossa intenção, antes de tudo, é seguir como segue<sup>5</sup> a leitura das obras, sempre interseccionadas quando a força maior de um influxo o exige. Assim, a seção seguinte a essas palavras iniciais destina-se a traçar uma breve incursão pelo pensamento de Benedito Nunes (2013a) sobre a “busca pela Unidade” em *Grande sertão: veredas*; a segunda intenta mostrar e refletir sobre o léxico e a passagem que nos serviu de base à construção da categoria apreensão-dos-afetos; e a terceira objetiva, ainda que de maneira precisa e concisa, externar os conceitos que nos

---

<sup>5</sup> Tal como Riobaldo/Rosa suspende, por exemplo, a narrativa, quando Medeiro Vaz estava chefiando, para contar os causos de Zé Bebelo, ou mesmo quando suspende e “intersecciona” sua narração ao aproximar-se do Paredão.

deram fundamentação teórica, faremos isso a partir da interpretação de um trecho do romance.

## diálogo primeiro: a busca pela unidade

Para que Riobaldo chegue a ser o que está para ser, evidentemente que sua travessia teve de ser iniciada em algum ponto, ou, mais precisamente, alguém o iniciou, e, desta feita, acompanha-o por toda sua existência; este alguém é, sobretudo, Diadorim.

De acordo com Albergaria (1977, p. 35), o primeiro passo para o percurso “procurante” de Riobaldo em relação à sua totalidade, o seu poder-ser próprio, dá-se quando ocorre a *iniciação esotérica*<sup>6</sup>, sendo introduzido nessa prática, sobretudo, por Diadorim:

[...] a trajetória de Riobaldo em busca da totalidade do seu ser se desenvolve a partir de dois procedimentos complementares: o primeiro, esotérico (e, portanto, iniciático) é realizado com o auxílio de guias, dos quais os mais evidentes são Diadorim e Hermógenes, mestres do aprendizado da *coragem* [...] (ALBERGARIA, 1977, p. 35, grifo da autora).

Neste trabalho como um todo, como expresso pelo nosso título, apenas nos concentraremos na figura de Diadorim. Ao lado da afirmativa da autora, explicitemos que Diadorim, além de *mestre do aprendizado da coragem*, ensina a Riobaldo o amor: Diadorim, afirma Benedito Nunes (2013a, p. 38), “infunde-lhe uma paixão equívoca, vizinha do estado de confusão e encantamento atribuído ao Maligno ou ao poder do Destino”, e isso ocasiona, à medida que Riobaldo narra e reflete acerca desse amor, um estado de torpor, pois essa confusão de Riobaldo provém mesmo é dos “excessos, ‘de demasias do coração” (NUNES, 2013a, p. 38).

Ora, Diadorim representa a confluência dos opostos e, em certo sentido, da perfeição – “moça perfeita” (ROSA, 2015, p. 485) –, pois, sendo valente, é doce; sendo guerreiro destemido e sagaz, sabe apreciar como ninguém a beleza das flores e dos pássaros; sendo jagunço matador, homem embrutecido pela vida – no-mundo-do-sertão, possui a delicadeza no toque, nas mãos, no rosto e, sobretudo, nos meigos olhos verdes: “[...] mas Diadorim é minha neblina...” (ROSA, 2015, p. 32). Demoremo-nos um pouco sobre esta afirmação de Riobaldo.

De imediato, notemos que o verbo ser está conjugado na terceira pessoa do singular do presente, ou seja, quem afirma isso é o Riobaldo-narrador. Assim, se o nosso narrador, como já citamos anteriormente, conta o que ele sabe, a sua

---

<sup>6</sup> Resumidamente, para ser iniciado no esoterismo, o ser tem de ter cumprido preceitos ritualísticos de cunho particular a fim de retornar e recuperar o estado primeiro da união com o Todo universal, ou seja, o conhecimento, referente à total tomada de consciência, proveniente da realidade interior que somente pode ser reencontrado por meio das práticas de iniciação, e este conhecimento somente pode ser adquirido por meio das vivências pessoais, e assim o ser atinge a totalidade e descobre a Verdade (ALBERGARIA, 1977, pp. 26-27).

afirmação evidencia que a dicotomia na qual se encontra foi superada, e, sem titubear entre esse amor improvável de consumação entre dois jagunços homens, conduz-nos ao fato sincero: sendo *neblina*, Diadorim embevece-o em consonância também de opostos, ou seja, quer na díade Riobaldo-Diadorim moça, quer Riobaldo-Diadorim jagunço, superando qualquer confusão, pois sua força vem desse amor corajoso – “[...] E veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, *a claro*, de um amigo se pertence gostar; e, *agora naquela hora*, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso” (ROSA, 2015, p. 41, grifos nossos). Esta passagem vem evidenciar o que já afirmava Benedito Nunes sobre um outro trecho, de caráter ambíguo:

Riobaldo só tinha olhos para Diadorim: ‘... eu olhava para ela’<sup>7</sup>.

Não seria a cabaça o ela, mas Diadorim.

A frase assinalada não é apenas ambígua, mas equívoca no enlace de suas duas orações. O sujeito da primeira, em terceira pessoa, é Diadorim, que demoradamente segurava uma cabaça com as duas mãos. O sujeito da segunda é o outro. Riobaldo, que olhava para ela. O pronome feminino substitui a pessoa e não a coisa, a cabaça. Mesmo que o contrário fosse, a cabaça, aí já representa a pessoa. *Símbolo* muito antigo, *a cabaça dupla, pois que Diadorim a segura com as duas mãos, alude à sua natureza dual, feita de contrários permutáveis, masculino e feminino, se revezando* (NUNES, 2013a, p. 223; grifos nossos).

Isso significa que Diadorim ainda figura como essa força originária e, sobretudo, como Unidade (dual) a qual se busca e deve retornar. Neste sentido – buscando um acréscimo à informação que Benedito Nunes (2013a) nos deu –, quando Riobaldo-narrador enuncia *agora naquela hora*, além de fazer referência ao que no tempo da história sentia, está se inserindo nela pelo tempo da narrativa, pois, sendo *claro* (“a clara”) para si, a verdadeira perfeição de Diadorim, e que à época nele residia, não mais resiste à verdade, tendo em vista que a conhece, não mais nutre esse impedimento, o qual *vinha por tanto tempo se* (a si, em si) *relutando, contra o querer*, essa vontade suprema também originária, *gostar de Diadorim*.

Eis o que a cabaça dupla, o *ela* do Diadorim, representa:

Una também em sua essência, transcendente e impessoal, ligada [a *alma*] ao corpo pela mesma necessidade interna que forçou a Unidade [*primeira*] a irradiar-se em emanações escalonadas que

---

<sup>7</sup> Eis a passagem que Benedito Nunes interpreta: “Ao que nos acampamos nós acampados em pé duns brejos, brejal, cabo de várzea. Até, lá era favorável de defender que os cavalos se espairassem – por ter manga natural, onde se encostar, e currais falsos, de pegar gado *brabeza*. Natureza bonita, o capim macio. Me revejo, de tudo, daquele dia. Diadorim restava um tempo com uma cabaça nas duas mãos, eu olhara pra ela. “Seja por ser, Riobaldo, que em breve rompemos adiante. Desta vez, a gente tange guerra...” – pronunciou, a prazer, como sempre quando assim, em véspera” (ROSA, 2015, p. 61; grifo do autor).

constituem o Todo universal, ela busca incessantemente restaurar a sua integridade, recuperar a sua perfeição originária. Essa vontade de restituição manifesta-se no *élan* amoroso e na ascese mística, duas vias de retorno que se equivalem, pois o homem tenta vencer, por meio delas, a *alteridade*, identificando-se com outrem no amor ou com a divindade, na culminância do êxtase (NUNES, 2013a, p. 50; grifos do autor).

E porque essa busca pela restituição da *perfeição originária* manifesta-se na travessia de Riobaldo, rumo à sua totalidade, encontra em Diadorim a *alteridade* que faltava em si, a união dos opostos em um único corpo: “Diadorim, ambíguo, menino que é também menina, desperta a alma de Riobaldo, infunde-lhe o desassossego, toque de Eros, que mais tarde, nos longes do sertão, se converterá em amor.” (NUNES, 2013a, p. 63). Eis a *alma desperta porque o sol entrou e aclarou-a*: “[...] Por que, meu senhor? Lhe ensino: porque eu tinha negado, renegado Diadorim, e por isso mesmo logo depois era de Diadorim que eu mais gostava. A espécie do que senti. O sol entrando” (ROSA, 2015, p. 166). Notemos que as repetições de dois advérbios de tempo ratificam concomitantemente a emergência da verdade (*logo depois*).

É justamente de Riobaldo-narrador que encontramos a afirmativa categorial: “[...] o *Reinaldo* – que era Diadorim: sabendo deste, o senhor sabe de minha vida” (ROSA, 2015, p. 264). Esta afirmativa é verdade quando temos consciência de que “[*O Destino*] É o desenho completo da trajetória da vida, o diagrama do movimento da existência no tempo, cujo processo de avanço e recuo, por meio de atos e gestos, de que se originam efeitos imprevisíveis, materializa-se nos tópicos da travessia [...]” (NUNES, 2013a, p. 84). Além disso, sobre a viagem, Benedito Nunes nos afirma que, para “Guimarães Rosa, não há, de um lado, o mundo, e, de outro, o homem que o atravessa. Além de viajante, o homem é a viagem – objeto e sujeito da travessia, em cujo processo o mundo se faz” (NUNES, 2013a, p. 85).

Quem apresenta, ou melhor, inicia Riobaldo no mundo e para o mundo é Diadorim, e o rio é de suma importância para isso, pois este, quando Riobaldo-narrador nos conta seu primeiro encontro com Diadorim, sendo à época nomeado como o *Menino*, o Rio-de-Janeiro, represado pelo Rio São Francisco, e pelo qual envergam travessia, está lá; quando reencontra Diadorim, na ocasião sendo chamado por Reinaldo, o Rio das Velhas está presente; e quando Diadorim diz que, se Riobaldo quiser, a guerra contra os Judas mudará de figura, após essa fala, Riobaldo decide fazer o pacto com o Sem-nome<sup>8</sup>, e antes de perguntar, diretamente, a Zé Bebelo e a João Goanhá, que havia acabado chegar para juntar-se ao bando, o nosso protagonista reflete acerca do rio da sua vida, ou seja, o Urucúia *está* presente, eis que se erige o Urutú-Branco, na medida em que o Urucúia corre e correrá sempre, porque o viajante-Riobaldo é travessia. Porque os rios fazem-se presentes,

---

<sup>8</sup> Afirma Benedito Nunes (2013a, p. 70) que “[...] Na amizade com Diadorim-menino estaria a antecipação daquele pacto com o demônio, que Riobaldo se decidiu a firmar. Pois na infância já se emaranham fios de incerta origem, que tecem a vida de um homem, em seu direito e avesso”.



Diadorim é quem o conduz sempre ao destino, ao seu *poder-ser próprio*, o qual se consolidará quando narra, a quem quer que seja, a sua vida:

[...] *Diadorim, o Reinaldo*, me lembrei dele como *menino*, com roupinha nova e o chapéu novo de couro, *guiando meu ânimo* para se aventurar a travessia do Rio do Chico, na canoa afundada. Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! O que era direito, que se tinha. O que eu pensei, deu de ser assim (ROSA, 2015, p. 335, grifos nossos).

Ora, Riobaldo é quem nos ratifica o que antes afirmamos: em vida, Riobaldo dirige-se ao seu amor como três nomes nas três respectivas fases e nos três respectivos rios que terão como fundo: I) em *apreensão-dos-afetos*, chama-o de *Menino*; II) em *trans-torno*, quando o reencontra, chama-o de *Reinaldo*; em *Circum-inscrição*, evoca-o como Diadorim, a sua luz divina e perfeição dos opostos<sup>9</sup>. Além disso, como guia (ALBERGARIA, 1977), Diadorim conduz a alma de Riobaldo à origem, àquela Unidade primeira – *guiando meu ânimo*, leia-se: *guiando minha alma, minha anima*. Basta vermos, para reiterar essa afirmativa, que o encontro entre eles se dá no Porto dos-Porcos, e para lá que volta Riobaldo, primeiramente, para descobrir a certidão de Diadorim, contudo achando-a em Itacambira: “[...] Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins [...]” (ROSA, 2015, p. 489). Desse nome Benedito Nunes (2013a, p. 224, grifos do autor) desmembra: “Deodorina, Theodora, Deodata, Deusdata, Theodoro, Dom de Deus! Guimarães Rosa dissemina o vestígio de Deodorina, disfarçadamente, como advérbio de modo, *deusdamente* ou ao *deusdar*<sup>10</sup> que, por inusitado, não deixam de chamar a atenção do leitor”.

E com tudo isso queremos dizer: o *Menino* é quem faz Riobaldo *apreender-os-afetos* – quando inicia-o no e para o mundo –; *Reinaldo* é quem faz o deslizante, inseguro e fugidio Riobaldo atingir máxima apreensão-dos-afetos ao ponto de *trans-tornar-se*, e é Diadorim quem o induz a ser chefe, quando está *trans-tornado*, isto é, com as veredas conhecidas por si, agora pode chefiar, porque atingiu a possibilidade de capitanear, sem resvalar em insegurança e dúvidas se era capaz; e,

---

<sup>9</sup> *Trans-torno* e *Circum-inscrição* referem-se às duas outras categorias que substancializamos a partir da leitura de *Grande sertão: veredas*. Resumidamente, eis como as caracterizamos: *trans-torno*, definimos como o ato de voltar para si a fim de descobrir e compreender o que são, foram e representam as substâncias (afetos) apreendidas, e disso resulta o caráter de sempre procurar a si de Riobaldo-personagem (esta categoria está delimitada do momento em que reencontra Reinaldo até desenlace de sua morte, sendo Diadorim, e as consequências de procurar a origem dele. Além disso, desta categoria temos uma variação, nomeada *trans-tornado*, quando Riobaldo assume o comando dos jagunços e o apelido de “Urutú branco”); a *circum-inscrição* é a ação de Riobaldo de “escrever”, narrar e inscrever-se em sua vida, de maneira a circular/circundar sobre os acontecimentos de sua travessia e refletir sobre eles. Logo, é a única que se mostra em todo o romance, e é por ela que nomeamos, definimos e fundamentamos as outras duas e ela própria.

<sup>10</sup> Sobre o significado do léxico *deusdar*, qual utilizado em *Grande sertão: veredas*, Nilce Sant’Anna Martins nos diz: “Conforme a dádiva ou dom de Deus” (MARTINS, 2001, p. 168).

por fim, porque Riobaldo quer, para atingir – e atingindo – a totalidade do seu ser, compreender sua travessia e saber *da sua vida*, ele *circum-inscreve-se*: “[...] Quem me ensinou a apreciar essas belezas sem dono foi Diadorim”, porque “[...] Eu estava todo o tempo quase com Diadorim” (ROSA, 2015, pp. 34-35).

## segundo diálogo: uma passagem, dois tempos

Como dissemos antes, identificamos a categoria apreensão-dos-afetos como o início da travessia de Riobaldo, na qual o personagem começa e passa a apreender as substâncias que o formarão, não as reconhecendo nem as conhecendo, ocorre tão somente a apreensão. Diadorim é a primeira grande fonte que irradia afetos, formando veredas no ser-Riobaldo, do qual a água vai-se esbaldando.

Citemos outra vez um trecho da última passagem extraída de *Grande sertão: veredas*: “[...] eu estava todo o tempo quase com Diadorim” (ROSA, 2015, p. 35). Vemos aí duas marcações precisas: sendo o instante em que se desenvolvia a cena referente ao tempo da história, Riobaldo sentia que aquele curto tempo, em verdade, representava o manancial de sua vida; sendo todo, ou seja, um preenchimento, ele é também fulgurações. Essa forma de fundir aquilo que seria um contraste, formando um binarismo e uma conseqüente contraposição, é rompida porque, em se tratando da díade Riobaldo-Diadorim, ocorre a restituição, ainda que momentânea, do todo pelas partes – o *quase* uniu-se ao *todo* para fornecer-lhe o que faltava, pois aquele possui o vazio que este não tem:

Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando um cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. Não se mexeu. *Antes fui eu que vim para perto dele.* [...] Aquilo ia dizendo, e era um menino bonito, claro, com a testa alto e os *olhos aos-grandes, verdes.*

[...] *Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse*, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – *só meu companheiro amigo desconhecido.* Escondido enrolei minha sacola, aí tanto, mesmo em fé de promessa, tive *vergonha de estar esmolando* (ROSA, 2015, p. 94; grifos nossos).

O que notamos, de imediato, ainda que por esses trechos entrecortados, é a aparente contraposição entre o *menino* (Diadorim) e Riobaldo: um *pitando cigarro*, à espera do tio que estava comprando arroz; outro pedindo esmola, para cumprir uma promessa. Daí podemos fazer uma breve analogia, seguindo a representação da restituição da Unidade primeira, dita por Benedito Nunes, “onde tudo teve origem e para onde o homem anseia retornar, captando-a nesta vida, por meio da contemplação extática” (2013a, p. 50). A *vida* referida pelo filósofo não é senão a

*viagem* e a *via* (NUNES, 2013a, p. 85), na qual Riobaldo sempre se encontra, e encontra, assim, a Diadorim em menino, e por isso ele, Riobaldo, é que foi para perto do menino, haja vista que sentiu e recebeu o que Diadorim emanava. Ora, pedir esmola é estar disposto a receber o que o outro estará disposto a dar; Riobaldo sentiu vergonha, porque o menino que estava diante de si já se apresentava, pelo seu olhar, como sendo *aos-grandes, verdes*, isto é, já estava em pleno estado de espera (verde = esperança), está longe de ser vazia em sua forma no auge da moção. O que Riobaldo recebeu, portanto, foi o *desejo* dele não ir embora justamente porque ali encontrou a fonte, ainda que desconhecida, que o alçará à Unidade primeira.

Notemos ainda que o quarto grifo que fizemos na frase do trecho citado, cuja perspectiva é a de Riobaldo-personagem, evoca uma relação de *complementação extática* a partir dos opostos: um sentimento inocente e sincero, de proximidade para com aquele ser que se apresenta como sendo seu (uma restrição e posse – “só meu companheiro” – que é qualificada pelo substantivo “amigo”), mas que lhe é um total desconhecido (e o adjetivo modifica tanto a forma do *amigo* quanto do *companheiro*).

A forma mais precisa dessa contemplação extática aparece, no momento de apreensão-dos-afetos de Riobaldo-personagem, quando Riobaldo nos relata a sua experiência/impressão tida/sofrida no meio da travessia ao ser convocado por Diadorim a atravessar o Rio-de-Janeiro:

[...] Dando fim, sem me encarar, [*o Menino*] declarou assim: – “Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente...” E *eu* não tinha medo mais. *Eu? O sério pontual é isto*, o senhor *escute, me escute mais do que eu estou dizendo, e escute desarmado. O sério é isto*, da estória toda – por *isto foi* que a estória *eu* lhe contei –; *eu* não sentia nada. *Só uma transformação, pesável*. Muita coisa importante falta nome. (ROSA, 2015, p. 99, grifos nossos).

Em seu início, denominamos essa categoria de “trans-formação”, separando com hífen o prefixo “trans” do substantivo “formação”, fizemos isso com a finalidade de conservar o léxico aí destacado. Entretanto, nesse léxico evocava-se apenas o processo de “substancialização” que sofria o Ser-Riobaldo, mas não a captação em si desses afetos para poder substancializar-se. Por isso, resolvemos realizar uma adaptação da ideia para a atual denominação *apreensão-dos-afetos*, de sorte que agora podemos deixar intuído que são as sensações percebidas e apreendidas como afetos que, no decorrer do tempo, substancializam ao ser-Riobaldo.

É o que podemos perceber com a expressão *só uma transformação, pesável*. O que temos aí é a confluência entre as perspectivas do personagem Riobaldo e do narrador Riobaldo; logo, são dois tempos demarcados: um pelo presente da história, outro pelo presente da narrativa. O que Riobaldo-personagem sofreu foi uma transformação que teve como fonte a presença de Diadorim, e este é que demarca uma negação em relação ao ser do protagonista, de modo que, sendo o menino-

Diadorim o ponto de onde irradia o *nadificante*, atuando como *nadificador*<sup>11</sup>, ou seja, o nada sentido por Riobaldo, o que se emana dele é uma substância que será apreendida pelo sujeito em transformação como sensação, e apenas no futuro é que essa substância será conhecida em sua forma, ou seja, pela reflexão e pistas linguísticas deixadas por Riobaldo-narrador. Assim é que o adjetivo “pesável”, flexionado no tempo presente, garante a possibilidade de o narrador inserir a sua perspectiva em relação ao passado, de modo a nos guiar até o ponto sério de sua narração, que vem sendo pontuada e reforçada pela repetição do verbo “escutar”, do clítico “me” e pronome pessoal “eu”.

Dessa forma, o “isto” a que se referia Riobaldo-narrador era o “isso” dos afetos apreendidos pelo “eu” dele do/no tempo da história, e o “isto” que ele *sabe e nós não sabemos*, isto é, o que ele resguarda em si, e que ainda vai contar, e que exige que escutemos *desarmados*, para captarmos o sentido que vem à tona e que rodeia o seu relato ondeante. Ora, o *nada* que sente Riobaldo não é senão a possibilidade de ser que se manifesta no ente, aquilo que o evoca para seguir, convoca-o a atravessar o Rio-de-Janeiro, ainda que esteja com medo; em suma, ao destino. Porque o *nada* é uma sensação que deva ser apreendida a fim de des-cobrir-lhe o ser que abriga, que resguarda, há uma *negação* que lateja naquela *transformação*, pois, e aqui contrariaremos o advérbio de exclusão, o “só”, que sente/sentia Riobaldo-personagem, é justamente essa “uma” indefinida *negação/afetação* apreendida, passiva de ser “pesável”, isto é, categorizada como tal, à medida que nos conduzimos pelas pistas deixadas propositalmente pelo criador, e que obriga o nosso juvenil Tatarana a suportar para que possa transformá-lo em *percipi* e aglutina-lo em si.

No que se refere ao aspecto temporal que se desenvolve a partir de *só uma transformação pesável*, vale pontuarmos que, se considerarmos como um tempo de ordem psicológica, ele “se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente” (NUNES, 2013b, p. 19), de modo que, se o passado narrado por Riobaldo-narrador é tido como o início de sua travessia, ele perde esse estado de pretérito quando evocado e aglutinado ao tempo da narrativa, como um fundo, ao mesmo tempo que compõe o tempo da história. Ora, para isso, basta termos em mente o nome do rio: Rio-de-Janeiro. Todo rio possui um início, um olho d’água, digamos, que funciona como fonte, cujo fluxo se derrama pela via a ele entreaberta; cronologicamente, o mês “Janeiro” é o primeiro do ano, o qual recomeça, dando continuidade feito um braço, uma extensão, de onde o mês de Dezembro findou, este dando-lhe, assim, margem e corpo para que possa seguir o curso da *vida*: “[...] O São Francisco represa o de-Janeiro, alto em grosso, às vezes já em suas primeiras águas de novembro. Dezembro dando, é certo” (ROSA, 2015, p. 93).

---

<sup>11</sup> Utilizamos aqui “nadificador” e “nadificante” como processos provenientes do *nada*, este é que, assim, nadifica. Utilizamos este conceito no sentido heideggeriano, isto é, de que ele possibilita a revelação e a manifestação do ente para com a presença, possibilitando a transcendência do ser-aí para o ente. Logo, não nos valem do termo *nada* no sentido niilista, o mesmo vale para o termo *negação*, o qual, sendo uma maneira da relação do *nadificar*, manifesta a possibilidade de relação entre o ser e o não ser, como modo de possibilitar ao ser ir em busca do seu ser mais próprio.

Riobaldo-narrador passa a narrar o início de sua travessia quando se aproxima do Paredão, isto é, próximo do fim de sua narração e desfecho predestinado e, quase como uma explicação, nos diz: “Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo. Mas não é por disfarçar, não pense.” (ROSA, 2015, p. 90). Aproximando-se do que se configuraria como um fim do ciclo, aproximando-se, assim, do horizonte que sempre se distancia, para demorar-se sobre ele, recomeça de onde se iniciou, pois a “[...] vida da gente nunca tem termo real” (ROSA, 2015, p. 485).

O motivo pelo qual retorna ao ponto de início de sua travessia, buscando aproximar-se de um *menino-Diadorim*, é mais como uma forma de voltar a se substancializar para voltar a ter força de narração do que uma mera desordem narrativa, pois desta forma é como conta: “[...] Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença” (ROSA, 2015, p. 92). O passado não se encerra no pretérito, em um encerramento de fim eterno, sem modo de retornar, mas sim recomeça a partir do momento em que Riobaldo-narrador procura retornar, levando em consideração que, com a existência e viagem se confundindo, a

existência de Riobaldo totaliza-se como viagem finda, que precisa ser relatada para que se perceba o seu sentido (...). Vivendo de momento a momento, de lugar a lugar, sem a compreensão da linha temporal e sinuosa que liga todos os momentos e todos os lugares da existência, só percebemos saídas e entradas, idas e vindas. Mas a viagem redonda, a travessia das coisas – que é vivência e descoberta do mundo e de nós mesmos, nessa aprendizagem da vida, em que o próprio viver consiste –, a viagem-travessia que se transvive na lembrança, constitui o saldo imponderável das ações, que a memória e a imaginação juntas recriam (NUNES, 2013a, p. 80).

Logo, a *transformação pesável* que sentira Riobaldo-personagem, ainda criança, ainda sem reconhecer os afetos que estavam sendo apreendidos, é, concomitantemente, o mesmo que atinge e alça a Riobaldo-narrador, de forma e proporção diferentes, contudo, de vez que, transvivendo, ou seja, conduzindo-se por um tempo diverso de sua realidade de velho barranqueiro, porém o mesmo que o converte a revivê-lo em sua memória, o modo *redondo*, circular e mágico da viagem, recria momentos e lugares, impressões e ações, transformações pesadas em transformações pesáveis – narrando, Riobaldo-narrador revive e encarna a Riobaldo-personagem, retirando-o de seu declínio.

### **terceiro diálogo: o ser em apreensão-dos-afetos e o seu não reconhecimento**

O Ser em apreensão-dos-afetos é um sujeito que está sendo, de maneira intensa, moldado pelos afetos que apreende, está em um fluxo contínuo e intenso

de formação, cujas impressões e afetos apenas serão conhecidos e reconhecidos em fase posterior. De imediato, nesse estado, a aparição desses afetos (e eles próprios) será recolhida como descoberta, e os afetos apreendidos como o que é percebido para somente depois o Ser buscar o real significado e sentido dessas manifestações: “Usando a caneta, descobrimos o que ela é: descoberta que difere de um ‘conhecimento’ a respeito do objeto, de sua natureza, de suas propriedades” (NUNES, 1992, p. 91). Se o ser apreende o afeto que aparece e se disponibiliza como tal, ele, o afeto, será captado e recolhido tão somente como “afeto” (e como algo que se dispõe aos sentidos e à consciência perceptiva) que apareceu no mundo em que o Ser, em seu instante e em sua viagem, se encontra. No início de sua travessia, o mundo em que o sujeito está e é refere-se a um mundo dado e percebido, mas que não deixa de o impactar e de fornecer modos e formas de comportamentos outros que serão contemplados de maneira ativa.

Diz Carvalho (2017) que Riobaldo, em sua saga do dizer, a qual almeja mostrar e apresentar, por meio de uma linguagem narrativa vigorosa, o que ocorreu em sua travessia, estabelece um contato com o seu ouvinte, de maneira a transformá-lo em um dialogante que, *a priori*, apenas recebe e escuta atentamente ao relato, porém essa escuta é efetivada por meio de chamamentos que são realizados pelo narrador, de modo que reclama ao ouvinte/leitor que aquilo seja refletido e pensado.

Utéza (2016) também afirma que o narrador é o único meio de conduzir ao sujeito que o escuta, de modo que o velho barranqueiro, em suas muitas reflexões, com uma linguagem torneada e circular, levará o seu interlocutor ao cerne da questão, que não é senão onde ele, Riobaldo, quer chegar e faz o ouvinte também acreditar que quer chegar também. Assim é que, quanto aos procedimentos metodológicos, procedemos para a esboçar a presente categoria, de vez que nossa conduta foi, primeiramente, realizar e seguir por uma leitura fenomenológica, tendo ela, na voz do narrador, a nossa guia, o que nos levou a três aspectos precisos e preciosos à narração de Riobaldo. Logo, foi o próprio narrador Riobaldo que nos revelou, nos conduziu e nos reclamou a participar e a criticá-lo deste modo, como uma forma de comunicação dialogante, em que tem por objetivo explorar a sua filosofia acerca da linguagem tendo o narrador como guia. Após a leitura e o acolhimento desses chamamentos, partimos para a fundamentação da categoria tendo em vista os estudos ontológicos, como os de Sartre (2002), Heidegger (2015), Benedito Nunes (1992), além de investigarmos os estudos críticos que trabalhavam na intersecção entre filosofia e literatura, como o próprio Benedito Nunes (2013a, 2013b), Carvalho (2017), Albergaria (1977) e Utéza (2016).

Para a fundamentação teórica dessa primeira categoria, tomamos como base os estudos ontofenomenológicos de Sartre (2020), sobretudo a sua reflexão acerca dos conceitos de possibilidade, negação, consciência perceptiva e apreensão.

Diz Sartre (2002) que, enquanto existente, o ser se estabelece e garante seu eterno devir a partir de uma relação entre as manifestações desse sujeito e sua conduta de receber, enquanto sensações, essas manifestações que estão a sua volta e visualizá-las como possibilidades que inauguram diversos horizontes, todos verdadeiros. Para Husserl (1968), as possibilidades são apreensões que se fincam no “dar-se” do homem, de vez que estão atreladas a ele como elo transcendente que o

alça ao que poderá vir a ser. Evidentemente que essas possibilidades, pairando de maneira sistemática no plano do porvir, garantem não apenas inúmeras formas de ser desse sujeito, mas também o nega a partir do momento que lhe apresenta algo que ele ainda não é. A negação, pontuada dessa forma, faz com que se crie um nexó essencial em relação ao ser, o qual se encontra ao lado de uma ausência, uma vez que com ela as possibilidades são atreladas como forma de retomar e reportar-se ao sujeito que está em descoberta de sua existência nesse agora.

Assim é que o ser, ao mesmo tempo que demarca sua existência por meio da descoberta percebida a partir de suas sensações, demarca também o ser que ele não é, mas que, por isso mesmo, abre as possibilidades. Evidentemente que daí decorre uma consciência que não é necessariamente relacionada à consciência como profundo conhecimento de si, mas como uma consciência perceptiva que molda ao ser que é afetado pelas aparições dos seres que se sobressaem dos entes que o envolvem, de modo que esse processo de ser afetado é que possibilita ao sujeito ser transformado pelas próprias aparições. Ora, as aparições referem-se ao modo como o sujeito é, ao mesmo tempo, puxado para fora de si e, por isso, a sua percepção o impressiona e, empurrado para dentro de si, a sensação daí resultante é a de que nele existe aquilo que ele ainda não é, mas que pode tornar-se ou vir a ser.

A consciência perceptiva não é senão uma forma do Eu ser afetado. À medida que isto ocorre, abrem-se fendas que, de imediato, não serão (re)conhecidas, serão totais estranhas às sensações interiores. A percepção, se o sujeito já realizou determinado ato, como esticar um elástico até o limite de rompê-lo, intui que a ação de esticar causará a ruptura e, como consequência brusca, as duas partes rompidas contrair-se-ão até as pontas dos dedos, de forma a lhes causar fisgadas de dor, pelo susto e toque. Contudo, o Ser não entenderá os processos que ocorreram, o motivo da “revolta” do elástico (de se voltar contra os dedos), ou ao menos o que é a dor ou o susto. Traduzindo, ter-se-ia que o sujeito é aquilo que o elástico não é, assim como a rechça faz-se verdadeira, simplesmente porque as aparições, ocasionadas pelos atos inocentes, não provocam o entendimento ou a reflexão acerca delas: “mas a aparição, reduzida a si mesma e sem recurso à série da qual faz parte, não seria mais que uma plenitude intuitiva e subjetiva: a maneira como o sujeito é afetado” (SARTRE, 2002, p. 17).

As aparições, resultantes do processo de ser afetado, condicionam o sujeito para a descoberta de si. Neste sentido, o Ser em *apreensão-dos-afetos* é um sujeito que está sendo intensamente moldado justamente porque acolhe e apreende esses afetos como substâncias que o fazem moldar a si mesmo de modo perceptivo e intuitivo; logo, o ser está em um fluxo forte e constante de formação. Apreender esses afetos não é senão abrir e instaurar possibilidades que, *a priori*, não serão entendidas, apenas percebidas.

Desta forma, valemo-nos do verbo latino “*affecere*” para referirmo-nos que as (im)pressões externas são o motivo pelo qual ocorre a formação de veredas no ser, de maneira que, em um sentido causal, o ser é afetado por um organismo externo/interno ao seu ser, e essas (im)pressões, que serão desconhecidas para o ser, são as que passarão, em fase posterior à apreensão-dos-afetos (em trans-torno), a

formar o ser e seu modo de ser. Evidentemente que essas (im)pressões também podem ser internas, pois o ser as absorve e as internaliza.

O ser que está apreendendo esses afetos não o é, figura como o não-ser de si mesmo, justamente porque ainda está sofrendo afetos por meio de sua percepção enquanto está dado ao mundo e porque desconhece os afetos que apreendeu. Assim, valemo-nos do conceito sartreano de “apreensão” para dizermos que, enquanto ainda não conhece a si e aquilo que o está afetando, causando forma, causando veredas em seu ser, o sujeito colhe e capta os afetos que o nadificam, tanto os externos, do mundo no qual está, quanto o interno, o seu mundo que está sendo (de)formado a todo instante de sua existência.

Porque é perceptivo, porque tem impressões acerca das aparências que surgem a volta de si e do seu ser, ocorre uma pressão que causa aflição – um frisson – agônica na estrutura e no modo de ser do sujeito em apreensão-dos-afetos, pois, na medida em que o ser é proporcionalmente imbuído, ainda que sem (re)conhecer aquilo como possibilidade, torna-se cada vez mais próprio na proporção em que se aproxima dessa negação com o intuito de descobrir-lhe esse ser da negação, revelado na aparência, que o nadifica, de maneira que

Os ‘sentidos’ só podem ser ‘estimulados’, só é possível ‘ter sensibilidade para’, de maneira que o estimulante se mostre na afecção, porque, do ponto de vista ontológico, os sentidos pertencem a um ente que possui o modo de ser disposto no mundo (HEIDEGGER, 2015, p. 197).

Reiterando, a categoria apreensão-dos-afetos, formada por composição do tipo justaposições, para conservarmos os “existenciais-categóricos” que aí se manifestam, nos dá a ideia cerne de que, no início, o sujeito é afetado porque possui uma percepção que lhe fornece sensações, por mais que não possam ser “compreendidas”, mas comunicam algo. Neste sentido, temos que a apreensão-dos-afetos significa que o Ser é afetado pelas suas percepções que, aos poucos, vão formando lacunas, fendas, passagens dentro de si, de sorte que o seu si é não sendo, é uma negação afirmativa e que o pressiona a querer conhecer a si, ou seja, as possibilidades formadas pelos afetos podem ser inúmeras; no entanto, ainda não o são. Tudo isto se dá à medida que o tempo é comprimido pelo espaço, e o espaço é aberto pelo tempo.

Interpretemos uma passagem do romance a fim de demonstrar como ocorre a categoria:

A mentira fosse – mas eu devo ter arregalado dôidos olhos. Quietamente, composto, confronte, o menino me via. – *‘Carece de ter coragem...’* – ele me disse. *‘Visse que vinham lágrimas? Dói de responder: – ‘Eu não sei nadar...’ O menino sorriu bonito. Afiançou: – ‘Eu também não sei’. Sereno, sereno. Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. – ‘Que é que a gente sente, quando se tem medo?’* – ele indagou, mas não estava remoqueando; *‘não pude ter raiva. – ‘Você nunca teve medo?’* –



*foi o que me veio, de dizer.* Ele respondeu: – ‘Costumo não...’ – e, passado o tempo dum meu suspiro: – ‘Meu pai disse que não se deve de ter...’ Ao que meio pasmei. Ainda ele terminou: – ‘...Meu pai é o homem mais valente deste mundo’. Aí o bambalango das águas, a avançada enorme roda-a-roda – *o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia.* As remadas que se escutavam, do canoeiro, a gente podia contar, por duvidar se não satisfaziam termo. – ‘Ah, tu: tem medo não nenhum?’ – ao canoeiro o menino perguntou, com tom. – ‘Sou barranqueiro!’ – o canoeirinho tresdisse, reposando de seu orgulho. De tal o menino gostou, porque com a cabeça aprovava. Eu também. [...] *Os olhos, eu sabia e ainda hoje mais sei, pegavam um escurecimento duro.* Mesmo com a pouca idade que era a minha, percebi que, de me ver tremido assim, o menino tirava aumento para sua coragem. Mas eu aguentei o aque do olhar dele. Aqueles olhos então foram ficando bons, retomando brilho. E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, dêsse a minhas carnes alguma coisa. Era uma mão branca, com os dedos dela delicados. – ‘Você também é animoso...’ – me disse. *Amanheci minha aurora. Mas a vergonha que sentia agora era de outra qualidade.* (ROSA, 2015, p. 97; grifos nossos).

Notemos que Riobaldo, em *apreensão-dos-afetos*, ainda não sabe identificar o que querem significar os *afetos* que o atingem e estes buscam:

1. induzi-lo à *coragem*, pois, em primeiro momento, ao *arregalar dôidos olhos*, manifestando *medo pavor*, o *menino* impele-o – “*carece de ter coragem*” –, e a reação de Riobaldo é-nos dada em resposta à autoridade de Diadorim por meio do próprio narrador – “*Visse que que vinham lágrimas? Dói de responder*” –, e o verbo “doer” conjugado no tempo presente confirma-nos isso; no segundo momento, o jovem que se inicia na travessia revela-nos que não pôde ter raiva de seu iniciador, pois o que lhe deu não foi senão a sabedoria maior – “*o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia*” –, ou seja, a extensão transcendental que possui, tendo o rio como suporte paisagístico-contemplativo extático, foi-lhe fornecida com *aquele rio*, especificando-o de modo espaço-temporal, *aquele, daquele dia*; em terceiro momento, a lição acerca da *coragem* vem dos olhos – “*Os olhos, eu sabia e ainda hoje mais sei, pegavam um escurecimento duro.*” –, isto é, sentindo a sinestesia provocada pelo olhar que lhe lança o seu guia, a sua percepção apreende aquele “*aque*” do olhar, isto é, “aquela(e) sinestésica(o) Força, domínio, magnetismo” (MARTINS, 2001, p. 38) que também puxa Riobaldo para perto, contudo ainda não sabe

dar forma. Ocorre é que o Menino (Diadorim) é a fonte de todo afeto, é dele quem provém a energia avassaladora, que abre lacunas no ser que ainda não é: o fato de Riobaldo ter arregalado “dôidos olhos” por não saber nadar e por isso ter medo não se finda aí, abrange coisas mais profundas do que a dor de responder, como a soberania do Menino que está “sereno, sereno”, mesmo não sabendo nadar também, no entanto este tem a certeza de si, e do medo de Riobaldo nutre a coragem maior, ou seja, não saber o que é ter medo, ou o que significa “ter medo”, e criar expectativa ante o acontecimento que é somente *possibilidade*, e sendo um nada que se constitui a partir da negação, é que deixa o personagem em *apreensão-dos-afetos* perplexo, *afetado* pelas percepções que emanam de Diadorim-Menino.

2. acalentá-lo através de *afetos de amor*, pois, ao aguentar o *aque* dos olhos, estes foram ficando bons, suaves. A recompensa veio depois: “*E o menino pôs a mão na minha (...) no profundo*” êxtase, de maneira a tranquilizá-lo com sua “*mão branca, com os dedos dela delicados*”, assim é que o espírito “medroso” de Riobaldo é lapidado, pois, ao ser afetado por Diadorim, logo é acalmado, para “amanhecer sua aurora”, seu despertar para as coisas boas, de verdadeiras sabedorias de qualquer travessia.

Ora, é por isso que a reflexão que faz Riobaldo, acerca do *bambalango das águas, a avançada enorme roda-a-roda*, ocorreu de modo tão penetrante no manancial do ser-Riobaldo, quando ainda em *apreensão-dos-afetos*, que a *impressão* ocasionada deixara-lhe resquícios, pois via-se pequeno diante do braço do Rio São Francisco, isto é, do de-Janeiro; assim, à medida que narra, o impacto do *bambalango* das águas encarna na narração, ou seja, em *circum-inscrição*: “o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio”. Riobaldo identifica-se como *vereda*, qual o de-Janeiro – “[...] quem quer bandear a cômodo o São Francisco, também principia ali a viagem” (ROSA, 2015, p. 93) –, represado pelo rio maior: “O sertão é do tamanho do mundo. Agora, por aqui, o senhor já viu: *Rio* é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda*. E algum ribeirão” (ROSA, 2015, p. 71; grifos do autor).

## considerações finais

Antes de tudo, vale externarmos que apenas construímos e alçamos essa categoria, porque o próprio Riobaldo nos deu vestígios lexicais para tal, de modo que ele mesmo, sabendo de sua vida e narrando para deixar os significados manifestos e os sentidos latentes fornece a perspectiva (de leitura e, de certa forma, teórica) que deveremos ter ao realizar, juntamente com ele, a travessia pelo seu sertão, tendo nele; portanto, o nosso guia pelas veredas/*veritas* que sua compreensão acerca do sentido de sua vida revela.

Contudo, somente fomos capazes de dar corpo e fundamentação à categoria, porque, ao lado de Guimarães Rosa (2015), tivemos amparo no pensamento do Grande-Mestre Benedito Nunes e sua incursão pelo mundo rosiano e pela filosofia. Apenas no interstício entre literatura e filosofia, como já se apresenta a obra máxima de Guimarães Rosa (2015), é que alçamos a apreensão-dos-afetos como “a alma insuflada no barro não cessa de trabalhar seu invólucro, numa tremenda operação química” (ROSA, 1970, p. 80), de modo que “a relação transacional”, entre poesia e filosofia, “é uma relação de proximidade na distância”. Se nos afastamos, em algum momento, da poesia rosiana, é para nos aproximarmos dela mais propriamente, pois “sendo que aproximar-se é se afastar” (ROSA, 1970, p. 82). E, assim, com esse aforismo redondo e circular, findamos nossa dialogal travessia.

## referências bibliográficas

ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da linguagem no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1977.

CARVALHO, Taís Salbé. *O pacto da escuta em Grande Ser-Tão: Veredas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes; São Paulo: Universidade São Francisco, 2015.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da Fenomenologia*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1968.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

NUNES, Benedito. *A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013a.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013b.

ROSA, João Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1970.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

UTÉZA, Francis. *JGR: Metafísica do Grande Sertão*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2016.